

## XIII SARI



### **Gênero, nacionalismo e revolução: uma análise comparada entre o Cumann na mBan e as Soldaderas**

Gender, nationalism, and revolution: a comparative analysis between Cumann na mBan and the Soldaderas

**Maria Eduarda Calonego<sup>1</sup>**   
**Gabriela Picolli da Silva<sup>1</sup>**   
**Mateus Webber Matos<sup>1</sup>** 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil

## Resumo

O presente artigo compara a participação das mulheres em movimentos revolucionários e nacionalistas no início do século XX, tendo como foco a organização paramilitar Cumann na mBan, da Irlanda, e as Soldaderas, do México. O objetivo geral é compreender como gênero e nacionalismo se articularam em experiências de resistência. Metodologicamente, a pesquisa adota a História Comparada, estabelecendo relações entre contextos distintos a partir da identificação de semelhanças, contrastes e conexões. O estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica e na análise de fontes primárias, como documentos de fundação do Cumann na mBan. Os resultados indicam que, apesar das diferentes formas de participação, ambos os grupos tiveram suas contribuições apagadas ou ressignificadas por narrativas patriarcais, sem a transformação das hierarquias de gênero. Assim, o artigo contribui para as Relações Internacionais ao ampliar o debate sobre a participação feminina em processos nacionalistas e anticoloniais.

**Palavras-Chave:** Cumann na mBan; Soldaderas; Nacionalismo

## Abstract

---

This article compares women's participation in revolutionary and nationalist movements in the early twentieth century, focusing on the paramilitary organization Cumann na mBan in Ireland and the Soldaderas in Mexico. The main objective is to understand how gender and nationalism were articulated in experiences of resistance. Methodologically, the study adopts a Comparative History approach, establishing relationships between distinct contexts through the identification of similarities, contrasts, and connections. The research is based on a literature review and the analysis of primary sources, such as the founding documents of Cumann na mBan. The results indicate that, despite differing forms of participation, both groups had their contributions erased or reinterpreted by patriarchal narratives, without transforming gender hierarchies. Thus, the article contributes to the field of International Relations by expanding the debate on women's participation in nationalist and anti-colonial processes.

**Keywords:** Cumann na mBan; Soldaderas; Nationalism

## INTRODUÇÃO

O nacionalismo, conforme Lucio Levi (1998), constitui uma ideologia que expressa o projeto político do Estado nacional ao buscar unificar língua, cultura e tradições sob uma identidade comum que se sobrepõe às ideologias partidárias. Esse sentimento impulsionou diversos movimentos revolucionários que, segundo Pasquino (1998, p. 1121), relacionam-se à “[...] tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera sócio-econômica”. Nesse sentido, Hobsbawm (1995) caracteriza o início do século XX como a “Era das Catástrofes”, marcada por intensas ondas revolucionárias que abalaram o sistema global vigente. Entre os exemplos desse período destacam-se a Revolução Irlandesa (1916-1923) e a Revolução Mexicana (1910-1920).

A Revolução Irlandesa compreendeu um conjunto de transformações políticas e conflitos que culminaram na criação do Estado Livre Irlandês e na partição da ilha. Seu marco inicial foi o Levante da Páscoa de 1916, insurreição armada em Dublin que, embora fracassada militarmente, intensificou o sentimento nacionalista diante da repressão britânica. Em seguida, a Guerra de Independência (1919-1921) entre o *Irish Republican Army* (IRA) e as forças britânicas levou ao Tratado Anglo-Irlandês de

---

1921, que instituiu o Estado Livre como domínio da Commonwealth. A divisão interna gerada pelos termos do acordo desencadeou a Guerra Civil (1922-1923), finalizada com a vitória pró-Tratado e a consolidação do novo Estado, enquanto a Irlanda do Norte permaneceu no Reino Unido (COLEMAN, 2014).

Já a Revolução Mexicana configurou-se como um conflito armado contra a ditadura de Porfirio Díaz, com o objetivo de redefinir os fundamentos políticos e sociais do Estado mexicano. Iniciada a partir do apelo de Francisco I. Madero por “[...] sufrágio efetivo e não reeleição [...]” (UNIVERSITY OF NEW MEXICO, 2014, p. 85), rapidamente se expandiu após a mobilização de camponeses, indígenas, setores médios e grupos nortenhos contra estruturas oligárquicas e o domínio do capital estrangeiro. Lideranças como Emiliano Zapata e Pancho Villa incorporaram reivindicações agrárias e sociais, expressando um nacionalismo popular que associava justiça social, redistribuição de terras e afirmação da soberania nacional. O processo culminou na Constituição de 1917, que institucionalizou muitas demandas revolucionárias e estabeleceu as bases do México moderno (UNIVERSITY OF NEW MEXICO, 2014).

Apesar da recorrente invisibilização histórica, diversos grupos femininos participaram ativamente desses movimentos. Na Revolução Irlandesa destacou-se o Cumann na mBan (Conselho de Mulheres Irlandesas), organização exclusivamente feminina, e na Revolução Mexicana sobressaem as Soldaderas, cujo nome remonta ao pagamento oferecido aos soldados durante a Conquista<sup>I</sup>, conhecido como *sold* ou *soldada* (SALAS, 2006). A análise dessas experiências parte da premissa de que “o nacionalismo é [...] constituído desde o início como um discurso generificado e não pode ser compreendido sem uma teoria do poder de gênero”<sup>II</sup> (MCCLINTOCK, 1993, p. 63, tradução nossa) e de que, embora tenha “[...] proporcionado a milhões de mulheres um espaço para serem atores internacionais”<sup>III</sup> (ENLOE, 1990, p. 61, tradução nossa), o nacionalismo permanece fundamentalmente uma ideologia patriarcal que “[...] surgiu de uma memória masculinizada, de uma humilhação masculinizada e de uma

---

<sup>I</sup> Referente ao período de 1519 a 1521, quando os astecas foram conquistados pelos espanhóis, liderados por Hernán Cortés.

<sup>II</sup> No original: “Nationalism is [...] constituted from the very beginning as a gendered discourse, and cannot be understood without a theory of gender power” (MCCLINTOCK, 1993, p. 63).

<sup>III</sup> No original: “[...] provided millions of women with a space to be international actors” (ENLOE, 1990, p. 61).

esperança masculinizada”<sup>iv</sup> (ENLOE, 1990, p. 44, tradução nossa). Assim, assume-se que a militância feminina tende a ser simbólica e relegada à retaguarda, contribuindo para a manutenção dos privilégios masculinos no Estado-nação. Esse entendimento dialoga com Mosse (2020, p. 18, tradução nossa), para quem a mulher, “como símbolo nacional, [...] era a guardiã da ordem tradicional”<sup>v</sup>.

Diante disso, este artigo compara a participação do Cumann na mBan e das Soldaderas em seus respectivos movimentos nacionalistas, buscando compreender como gênero e nacionalismo se vincularam em experiências de resistência. Os objetivos específicos que orientam o estudo e estruturam seus eixos de comparação são: i) comparar formas de organização, inserção política e reconhecimento formal; ii) analisar os papéis desempenhados pelas militantes; e iii) examinar os legados e as memórias atribuídos a cada grupo. Esses eixos foram escolhidos porque permitem analisar, de forma integrada, como as mulheres se organizaram, atuaram e foram reconhecidas ou silenciadas nos movimentos nacionalistas.

Para examinar como esse fenômeno se manifestou, esse artigo utiliza a tipologia proposta por Yuval-Davis e Anthias (1989, p. 7, tradução nossa), que identificam cinco formas de participação feminina em processos nacionalistas e étnicos:

- (a) como reprodutoras biológicas dos membros das coletividades étnicas;
- (b) como reprodutoras das fronteiras dos grupos étnicos/nacionais;
- (c) como participantes centrais na reprodução ideológica da coletividade e transmissoras de sua cultura;
- (d) como significantes das diferenças étnicas/nacionais — foco e símbolo em discursos ideológicos;
- e (e) como participantes em lutas nacionais, econômicas, políticas e militares.<sup>vi</sup>

As autoras alertam, contudo, “[...] que não existe uma categoria unitária de mulheres [...] [e que, na verdade, elas estão] [...] divididas por classe, etnia e ciclo de vida [...]”<sup>vii</sup> (YUVAL-DAVIS; ANTHIAS, 1989, p. 7), o que faz com que diferentes grupos

---

<sup>iv</sup> No original: “[...] sprung from masculinized memory, masculinized humiliation and masculinized hope” (ENLOE, 1990, p. 44).

<sup>v</sup> No original: “As a national symbol [...] was the guardian of the traditional order” (MOSSE, 2020, p. 18).

<sup>vi</sup> No original: “(a) as biological reproducers of members of ethnic collectivities; (b) as reproducers of the boundaries of ethnic/national groups; (c) as participating centrally in the ideological reproduction of the collectivity and as transmitters of its culture; (d) as signifiers of ethnic/national differences- as a focus and symbol in ideological discourses used in the construction, reproduction and transformation of ethnic/national categories; (e) as participants in national, economic, political and military struggles” (YUVAL-DAVIS & ANTHIAS, 1989, p. 7).

<sup>vii</sup> No original: “[...] that there is no unitary category of women [...] Women are divided along class, ethnic and life-cycle lines” (YUVAL-DAVIS & ANTHIAS, 1989, p. 7).

de mulheres recebam estratégias distintas por parte do Estado e dos movimentos nacionais. Além disso, afirmam que as mulheres não recebem os papéis a elas atribuídos de forma indiferente, mas sim agem ativamente para reforçá-los, modificá-los e também para disciplinar outras mulheres.

A pesquisa utiliza o método da História Comparada, que permite estabelecer relações entre contextos distintos, identificar convergências e divergências e, ao mesmo tempo, “desprovincializar” o olhar do historiador, ampliando a compreensão crítica dos processos históricos (KOCKA, 2003). Para isso, realiza-se uma revisão bibliográfica e análise documental. No caso do Cumann na mBan, utiliza-se a literatura de autores como Cal McCarthy e Margaret Ward, além de fontes primárias, como sua constituição, retiradas da National Library of Ireland. Para as Soldaderas, a investigação apoia-se principalmente na produção historiográfica, dada a escassez de documentos primários, com ênfase nos trabalhos de Elizabeth Salas e Elena Poniatowska.

Por fim, este estudo justifica-se pela relevância de compreender como as dinâmicas de gênero moldaram a participação feminina em movimentos nacionalistas, frequentemente negligenciada pelas narrativas tradicionais. A comparação entre Irlanda e México revela padrões comuns de inclusão limitada e apagamento pós-revolução, contribuindo para os estudos de Relações Internacionais ao demonstrar, à luz da teoria de gênero, como o nacionalismo pode reforçar hierarquias patriarcais mesmo em projetos de libertação.

## **ORGANIZAÇÃO, INSERÇÃO POLÍTICA E RECONHECIMENTO FORMAL**

Em relação ao contexto de formação e às motivações das participantes, os dois movimentos surgiram de realidades distintas. O Cumann na mBan surgiu em um contexto de intensa efervescência política e social na Irlanda, marcado pelo fortalecimento do nacionalismo e pelo despertar do feminismo entre as mulheres. Esse nacionalismo vinha se consolidando ao longo de séculos de resistência ao domínio inglês desde a invasão normanda, intensificando-se após o Ato de União

---

de 1800, que incorporou a Irlanda ao Reino Unido (MCCARTHY, 2007). Dentro desse cenário, a criação do *Ulster Women's Unionist Council*, em 1911, representou um marco para as mulheres unionistas e, como aponta McCarthy (2007, p. 9, tradução nossa), “era apenas uma questão de tempo até que sua imagem oposta surgisse no sul da Irlanda”<sup>viii</sup>. Essas mulheres provinham de uma sociedade dividida por classe, religião<sup>ix</sup> e gênero, e muitas enxergavam no nacionalismo uma causa capaz de superar tais barreiras (MATTHEWS, 1995).

Desse modo, o surgimento dos Voluntários Irlandeses em 1913 fortaleceu ainda mais esse ideal, oferecendo ao povo um meio de defender a autodeterminação da Irlanda e sua separação do Reino Unido. No entanto, essa organização não definiu um papel significativo para as mulheres, nem deixou claro quais seriam suas funções dentro do movimento. Diante da escolha entre ingressar nos Voluntários, onde teriam um papel bastante restrito, ou organizar uma entidade própria que lhes garantisse autonomia, as mulheres optaram pela segunda alternativa, criando o Cumann na mBan. (MCCARTHY, 2007).

As Soldaderas, por outro lado, tiveram motivações de adesão mais diversas e muitas vezes atreladas à sobrevivência. Segundo Tornel (2019, p. 530, tradução nossa), “[...] a incorporação das mulheres à ‘bola’ revolucionária [...] respondeu a diferentes motivos”<sup>x</sup>, entre os quais se destacam a violência e a marginalização social. Muitas acompanharam familiares e maridos, enquanto outras aderiram ao movimento por convicções políticas próprias. Algumas tornaram-se Soldaderas após serem roubadas ou violentadas por tropas revolucionárias, e outras se engajaram na esperança de conquistar melhores condições de vida. Assim, o Cumann na mBan surgiu de um ideal nacionalista definido e como reação à exclusão masculina, enquanto a participação das Soldaderas resultou de múltiplos fatores, como convicção política, vínculos familiares e violência estrutural.

---

<sup>viii</sup> No original: “It was only a matter of time before their opposing image would emerge in Southern Ireland” (MCCARTHY, 2007, p. 9).

<sup>ix</sup> Cabe ressaltar que a religião na Irlanda foi, historicamente, uma forma de diferenciação étnica, política e de classe (BREWER; HIGGINS, 1999). Essa divisão iniciou no século XVII com o projeto colonizador britânico que introduziu protestantes no Ulster, em oposição aos nativos católicos irlandeses. Isso resultou em uma região com maioria protestante, 56,33% em 1911, que defendia a união com a Grã-Bretanha e se opunha ao autogoverno irlandês, o Home Rule (FERRITER, 2005). Nesse sentido, na Irlanda, a religião é usada como uma forma de estratificação social, na qual o anticatolicismo foi mobilizado como instrumento político e sociológico para defender privilégios socioeconômicos dos protestantes (BREWER; HIGGINS, 1999).

<sup>x</sup> No original: “[...] la incorporación de las mujeres a la ‘bola’ revolucionaria [...] respondieron a diferentes motivos” (TORNELL, 2019, p. 530).

No que diz respeito à estrutura organizacional e ao perfil social das integrantes, os grupos apresentam contrastes marcantes. De acordo com sua Constituição, o Cumann na mBan foi fundado em novembro de 1913 e, em março de 1914, já começava a organizar filiais (CUMANN NA MBAN, 1917). Seu primeiro encontro ocorreu em 2 de abril de 1914, às 16 horas, no Wynn's Hotel, em Dublin, reunindo um número reduzido de participantes em comparação aos Voluntários (MCCARTHY, 2007; WARD, 1995). Ward (1995) atribui o baixo comparecimento ao horário pouco conveniente para mulheres trabalhadoras, enquanto McCarthy (2007) ressalta o limitado envolvimento político feminino da época e a fraca divulgação, que impediu que muitas simpatizantes soubessem da reunião. Matthews (1995) observa que várias fundadoras já participavam do movimento nacionalista antes da formalização do grupo, o que influenciou seu perfil inicial, majoritariamente composto por mulheres “[...] jovens, solteiras e economicamente ativas”<sup>xi</sup> (RYAN, 1999, p. 263, tradução nossa).

As Soldaderas, diferentemente do Cumann na mBan, nunca constituíram uma organização formal e atuaram de maneira descentralizada. Também se distinguiam do grupo irlandês pelo perfil das mulheres que integraram o movimento revolucionário, pois eram, em sua maioria, indígenas e provenientes das classes populares, alistadas nas tropas militares (TORNEL, 2019). Ainda assim, é importante ressaltar que também havia Soldaderas oriundas das classes média e alta, com acesso à educação e a experiências culturais mais amplas (FREITAS, 2023). Entre as mulheres das classes populares, especialmente camponesas e analfabetas, as limitações eram severas, devido à falta de acesso à educação formal. Em oposição, as Soldaderas provenientes de famílias ricas possuíam formação escolar e aulas de piano, leitura e etiqueta, além de participarem de círculos intelectuais, produzindo periódicos e engajando-se tanto nas causas revolucionárias quanto em iniciativas feministas (FREITAS, 2023). Dessa forma, o grupo irlandês organizou-se formalmente com um perfil social mais específico, enquanto o movimento mexicano, informal e descentralizado, abrangia uma realidade social mais ampla.

---

<sup>xi</sup> No original: “[...] young, unmarried and economically active” (RYAN, 1999, p. 263).

Quanto à definição de seus papéis, reconhecimento institucional e participação política, as trajetórias dos dois grupos seguiram direções opostas. O Cumann na mBan, desde sua fundação, possuía uma constituição e objetivos claramente definidos. Entre suas metas estavam a promoção da causa da liberdade irlandesa, a organização das mulheres em torno desse ideal, o auxílio no armamento e no equipamento de um corpo de homens irlandeses para a defesa da Irlanda e a formação de um fundo específico destinado a esses propósitos, denominado “Fundo de Defesa da Irlanda” (CUMANN NA MBAN, 1914). Dessa forma, o Cumann na mBan consolidou-se como o braço feminino dos Voluntários, atuando de forma autônoma, mas com reconhecimento formal dentro da estrutura nacionalista.

As Soldaderas, em contrapartida, embora nos exércitos desempenhassem funções diversas, como apoio logístico e, em alguns casos, o comando de tropas (TORNEL, 2019), não receberam reconhecimento institucionalizado, sendo frequentemente vistas com desconfiança por oficiais que as consideravam um obstáculo à disciplina militar (SALAS, 2006). Essa percepção reflete a informalidade de sua inserção no movimento, visto que, embora os revolucionários aceitassem o apoio feminino, inclusive armado, parte dos oficiais buscava limitar essa participação, já que muitas mulheres atuavam de forma semelhante aos soldados, rompendo com o papel submisso que lhes era socialmente atribuído (SALAS, 2006). Embora seu número fosse expressivo, não se instaurou um debate nacional sobre a necessidade de transformar a sociedade mexicana de modo a incluir, de forma igualitária, homens e mulheres no exército. Dessa forma, a estrutura militar refletia a própria sociedade, na qual as mulheres eram privadas da cidadania plena, sem direito ao voto e limitadas por preconceitos de gênero. O apagamento institucional das Soldaderas consolidou-se em 1925, quando o general Joaquín Amaro ordenou sua exclusão dos quartéis, e agravou-se nos anos 1930, ao serem registradas apenas como familiares de soldados (SALAS, 2006).

Em relação à inserção política, o Cumann na mBan enfrentou críticas já em sua reunião inaugural. Presidida por Agnes O’Farrelly, uma líder com uma postura

---

tradicionalista, afirmou-se que o objetivo das mulheres era apenas auxiliar os Voluntários, e não envolver-se diretamente em política<sup>xii</sup>. Essa postura gerou forte reação entre feministas e sufragistas, que enxergaram a organização como mais uma forma de subordinação feminina dentro do nacionalismo (MCCARTHY, 2007; WARD, 1995). Com o tempo, porém, o movimento ampliou sua atuação e aproximou-se do Sinn Féin, partido político mais aberto à participação feminina, passando em 1919 a incentivar que suas integrantes se filiassem ao partido para fortalecer sua presença política (MCCARTHY, 2007).

Ward (1995) observa que, a partir de 1917, o Cumann na mBan também redefiniu seus objetivos, adotando uma postura mais igualitária, ao estabelecer que seus fundos seriam usados para armar tanto homens quanto mulheres. Esse processo foi favorecido pelo contexto político, especialmente pelo *Representation of the People Act* de 1918, que concedeu direito de voto às mulheres acima de trinta anos. Mesmo antes da lei, a organização já havia revisado sua constituição para estimular uma participação mais ativa das mulheres na vida pública e na reivindicação de seus direitos (SHEEHAN, 1990).

A participação política das Soldaderas, diferentemente do Cumann na mBan, não era homogênea e variava conforme a região e a posição social. No Sul, muitas Soldaderas se integraram ao movimento zapatista<sup>xiii</sup>, enquanto no Norte prevaleceu o alinhamento com o villismo<sup>xiv</sup> (FREITAS, 2023). Conclui-se, portanto, que, enquanto o Cumann na mBan passou de um papel de apoio para uma atuação política ativa, formal e reconhecida, as Soldaderas, embora tenham desempenhado funções militares diretas e de comando, foram submetidas a um processo de exclusão política.

Portanto, a capacidade de institucionalização de cada grupo estava ligada ao perfil social de suas integrantes. O Cumann na mBan, composto sobretudo por mulheres alfabetizadas e com experiência política, conseguiu estabelecer uma organização formal, com constituição própria e objetivos definidos. Em contraste, as

<sup>xii</sup> É importante ressaltar que, segundo McCarthy (2007), O'Farrelly rejeitava a ideia de que a organização discutisse política, pois temia a desunião interna.

<sup>xiii</sup> Movimento político liderado por Emiliano Zapata Salazar.

<sup>xiv</sup> Movimento político liderado por Francisco Pancho Villa.

Soldaderas formaram um grupo amplo, heterogêneo e majoritariamente de origem popular. Essa diversidade, somada à ausência de um projeto político unificado, dificultou a criação de uma organização capaz de assegurar seu reconhecimento institucional durante a Revolução.

## **PAPÉIS DESEMPENHADOS PELAS MILITANTES**

Em relação ao envolvimento direto nos combates, os grupos divergem em sua atuação. Um número expressivo de Soldaderas envolveu-se diretamente nas ações militares, pegando em armas e lutando ao lado dos homens. Algumas chegaram a ocupar posições de comando, como as coronelas e outras líderes de batalhões. Entre essas figuras destacam-se mulheres como Petra Herrera, que se disfarçou de homem durante grande parte de sua carreira militar, alcançou o posto de capitana e, posteriormente, o de coronela. Após formar sua própria brigada composta exclusivamente por mulheres, teve seu exército dissolvido e terminou seus dias trabalhando como empregada de bar e espiã, falecendo após ser baleada (PONIATOWSKA, 1999).

Em contraposição às Soldaderas, as mulheres do Cumann na mBan recebiam aulas de tiro e manutenção de armas, especialmente aquelas que atuavam nas ambulâncias, pois era esperado que soubessem carregar e descarregar rifles de homens feridos ou mortos (MCCARTHY, 2007; WARD, 1995). Contudo, essa preparação tinha um propósito apenas de auxílio, pois, como ressalta o autor, “[o] Cumann na mBan nunca esteve armado e seu papel como combatente não estava diretamente na linha de tiro”<sup>xv</sup> (MCCARTHY, 2007, p. 64, tradução nossa). Dessa forma, a participação das mexicanas incluiu combate direto e comando militar, enquanto as irlandesas foram preparadas apenas para funções de apoio.

No que tange às funções de apoio e sustento logístico, ambos os grupos foram vitais para a manutenção das forças revolucionárias, mas suas atividades refletiam diferentes esferas de atuação. No âmbito das atividades de apoio, as Soldaderas “[...]”

---

<sup>xv</sup> No original: “Cumann na mBan were never armed and their combatant role was not directly in the firing line” (MCCARTHY, 2007, p. 64).

desempenhavam no campo de batalhas as ações típicas da esfera doméstica sem as quais o exército – e os homens na esfera privada – não poderiam manter as suas atividades” (TOSI, 2016, p. 151). Suas responsabilidades incluíam o abastecimento e a alimentação, além da assistência médica, atuando como enfermeiras e prestando cuidados básicos aos feridos em combate. Também realizavam serviços gerais, como a lavagem de roupas e a manutenção dos acampamentos (TORNEL, 2019).

De maneira distinta, o Cumann na mBan focou-se em ações que, embora de apoio, tinham um caráter menos atrelado ao campo de batalha. Dessa maneira, nos primeiros anos, o Cumann na mBan concentrou-se sobretudo na “[...] arrecadação de fundos para os Voluntários [...] e [em] aulas de primeiros socorros”<sup>xvi</sup> (MCCARTHY, 2007, p. 41, tradução nossa). As integrantes também organizavam bailes e concertos que reforçavam o sentimento nacionalista na Irlanda. No Levante de 1916, desempenharam funções de transporte de mensagens e cuidados médicos, além de auxiliar na comunicação e alimentação dos combatentes (MCCARTHY, 2007). Após a Revolta, dedicaram-se à arrecadação de recursos para famílias de republicanos presos, atuando na criação e gestão do *Irish Volunteers Dependants Fund* e do *Irish National Aid Association* (MANNION; LAFFEY, 2015).

Durante a Guerra da Independência, suas atribuições ampliaram-se e elas foram consideradas “indispensáveis” para o IRA, pois, além de continuarem a atuar no apoio logístico, assumiram funções de inteligência, localizaram abrigos seguros para o exército e forneceram auxílio humanitário aos prisioneiros (MCCARTHY, 2007; WARD, 1995). No período da Guerra Civil, elas mantiveram essas funções e assumiram ainda a condução de honras militares em funerais, já que muitos soldados do IRA precisavam permanecer escondidos (MCCARTHY, 2007; WARD, 1995). Assim, enquanto as Soldaderas asseguravam a sobrevivência e a saúde dos combatentes no campo de batalha, o Cumann na mBan sustentava o esforço de guerra pela logística de retaguarda, propaganda, arrecadação de fundos e apoio às famílias.

---

<sup>xvi</sup> No original: “[...] fundraising for the Volunteers [...] and first-aid classes” (MCCARTHY, 2007, p. 41).

Em relação à autonomia e à subordinação hierárquica, os grupos divergem em sua estrutura e interação com os comandos masculinos. No caso irlandês, desde sua formação ficou claro que o Cumann na mBan não teria autonomia militar, pois estava subordinado aos Voluntários e, posteriormente, ao IRA. Essa relação hierárquica aparece em documentos da época, como em cartas enviadas aos Voluntários Irlandeses em 1919 e pelo IRA ao Cumann na mBan em 1922, nas quais se comunicavam suspensões, decisões internas, ordens que exigiam obediência e relatórios regulares (CUMANN NA MBAN, 1919; IRISH REPUBLICAN ARMY, 1922). Além disso, embora não participassem diretamente dos combates, recebiam treinamento militar, incluindo o *foot drill*<sup>xvii</sup> comandado por oficiais homens, o que reforçava uma cultura de obediência e a internalização de uma cadeia de comando masculina (WARD, 1995).

Em contraste, as Soldaderas demonstravam um nível maior de autonomia, embora também enfrentassem resistência. Essa autonomia no desempenho de suas funções também se refletia em suas relações com os oficiais, como observa Salas (2006, p. 37, tradução nossa), ao afirmar que “[as] Soldaderas, assim como outros serviçais, podiam deixar um soldado empregador e trabalhar para outro quando quisessem”<sup>xviii</sup>. Segundo Sheehan (1990), a subordinação do Cumann na mBan chegou ao auge no fim da Guerra Civil, quando sua tentativa de participar das negociações de cessar-fogo foi recusada pela liderança masculina. Portanto, enquanto o Cumann na mBan atuava em uma hierarquia masculina formal e obediente, as Soldaderas operavam com maior autonomia, chegando a desafiar ordens e sendo consideradas disruptivas.

Em relação aos papéis estratégicos, ambos os grupos atuaram ativamente em espionagem, contrabando e transporte de informações, mas o Cumann na mBan demonstrou uma organização política mais ampla. As Soldaderas exerceram papéis estratégicos como espiãs e messageiras, responsáveis por transportar informações entre as diferentes frentes de batalha e assegurar o fornecimento de armas e munições, frequentemente por meio do contrabando (TORNEL, 2019). De

---

<sup>xvii</sup> Treinamento militar de marchas e movimentos padronizados usados para disciplina e coordenação das tropas.  
<sup>xviii</sup> No original: “Soldaderas, like other servants, could leave one soldier employer and work for another at will” (SALAS, 2006, p. 37).

---

forma semelhante, durante a Guerra da Independência, as mulheres do Cumann na mBan contrabandeavam armas, utilizando suas roupas para ocultar equipamentos destinados ao IRA, e coletavam informações sobre o movimento das tropas britânicas, repassando-as às lideranças republicanas (MCCARTHY, 2007).

No campo político, as integrantes eram incentivadas a apoiar as campanhas eleitorais de candidatos republicanos, divulgar a igualdade de direitos de cidadania entre homens e mulheres conforme a Proclamação Republicana e promover candidaturas femininas (CUMANN NA MBAN, 1918-1919), diferentemente das Soldaderas, que não tinham uma atuação politicamente ativa. Portanto, enquanto ambos os grupos arriscaram a vida no contrabando e na transmissão de informações, o Cumann na mBan também se consolidou como força política organizada.

Assim, embora tanto as Soldaderas quanto o Cumann na mBan tenham sido fundamentais para o movimento nacionalista, a forma como atuaram foi influenciada pelas estruturas patriarcais de cada contexto. No caso do Cumann na mBan, sua subordinação era mais formal e institucionalizada, restringindo suas ações a funções de apoio. Em contraste, no México, as Soldaderas conquistaram uma autonomia maior, o que lhes permitiu não apenas lutar ativamente nos combates, mas também desafiar a autoridade dos oficiais quando necessário. Portanto, ambos se enquadram “como participantes em lutas nacionais, econômicas, políticas e militares”<sup>xix</sup> (YUVAL-DAVIS; ANTHIAS, 1989, p. 10, tradução nossa). Contudo, enquanto o Cumann na mBan confirma a tendência de que “[...] em geral [...] [as mulheres] são vistas em uma relação de apoio e cuidado para com os homens [...]”<sup>xx</sup> (YUVAL-DAVIS; ANTHIAS, 1989, p. 10, tradução nossa), as Soldaderas, ao assumirem o combate, desafiaram de forma mais significativa os papéis tradicionais de gênero.

---

<sup>xix</sup> No original: “As participants in national, economic, political and military struggles” (YUVAL-DAVIS; ANTHIAS, 1989, p. 10).

<sup>xx</sup> No original: “[...] generally they are seen to be in a supportive and nurturing relation to men [...]” (YUVAL-DAVIS; ANTHIAS, 1989, p. 10).

## LEGADOS E MEMÓRIAS

No que diz respeito ao tratamento historiográfico e à memória pós-conflito, tanto as Soldaderas quanto o Cumann na mBan sofreram processos de apagamento, embora por mecanismos distintos. O legado das Soldaderas na historiografia tradicional e na cultura popular mexicana foi distorcido e submetido a um processo de invisibilização. De forma semelhante, pode-se afirmar que o legado do Cumann na mBan é marcado por ambiguidades e controvérsias, e suas contribuições também foram apagadas pela historiografia. De acordo com Salas (2006), após o fim da Revolução Mexicana ocorreu uma domesticação deliberada da imagem das Soldaderas, simbolizada pela figura de “La Adelita”, descrita como uma mulher “[...] abnegada, dócil e submissa, que vai para a guerra apenas por amor a um soldado [...]” (TOSI, 2016, p. 145), o que reduziu a complexidade das experiências femininas e apagou a memória de mulheres que exerceram liderança e participação ativa nos combates.

No caso irlandês, Matthews (1995) aponta que os estudos históricos tendem a retratar a organização como algo pequeno e marginal, diminuindo sua importância no contexto revolucionário e reduzindo as mulheres à condição de vítimas ou ícones simbólicos. Ambos os grupos, portanto, tiveram sua importância militar e política diminuída ou distorcida nas narrativas históricas que se seguiram aos conflitos.

Em relação à forma como a imagem pública desses grupos foi construída, observa-se uma tendência à redução e à estigmatização, embora os estereótipos aplicados variassem. A idealização das Soldaderas substituiu suas histórias de coragem e independência por imagens moldadas por valores patriarcais, mais adequadas ao imaginário pós-revolucionário. Segundo Tosi (2016), os meios de comunicação contribuíram para esse processo ao transformar as Soldaderas em heroínas românticas ou prostitutas, criando narrativas que neutralizavam sua agência política e militar. Em contrapartida, Steele (2019) argumenta que, durante a Guerra Civil, o Estado Livre Irlandês buscou descredibilizar as mulheres republicanas, incluindo as

do Cumann na mBan, ao retratá-las como “forasteiras”. Ward (1995) aponta que esse processo foi reforçado por figuras masculinas como P. S. O’Hegarty, que as descrevia como “irracionais” e “destruidoras”, perpetuando estereótipos para deslegitimar sua participação.

No México, além da estigmatização moral, houve uma simplificação da diversidade de papéis desempenhados pelas Soldaderas. Poniatowska (1999, p. 22, tradução nossa) observa que, originalmente, essas mulheres eram conhecidas por diferentes denominações, como vivanderas, juanas e cucarachas, mas, com o passar do tempo, “[...] nós as rotulamos igualmente, sem distinção de lados, como ‘adelitas’<sup>xxi</sup>. Na Irlanda, o caso da Condessa Markievicz, presidente do Cumann na mBan entre 1916 e 1926, é exemplar nesse sentido, já que ela foi sistematicamente ridicularizada com o objetivo de “[...] negar [...] sua própria agência política [...]”<sup>xxii</sup> (STEELE, 2019, p. 71, tradução nossa).

A figura da “La Adelita” foi disseminada principalmente pelos corredos<sup>xxiii</sup>. Conforme aponta Salas (2006), as canções populares exaltavam a beleza e a devoção dessas mulheres, deixando de lado atributos como coragem e participação efetiva nas batalhas. Portanto, fica evidente que, em ambos os contextos, a complexidade da atuação feminina foi substituída por caricaturas que visavam neutralizar sua agência política.

Ao analisar as causas subjacentes a essa invisibilização, nota-se que, em ambos os casos, estruturas patriarcais e uma definição masculina de história e guerra foram determinantes. Poniatowska (1999) explica que o apagamento das Soldaderas está ligado à tradição mexicana de desvalorização das mulheres e ao temor dos chefes militares de que elas alcançassem posições de poder nas forças armadas. Nesse sentido, Tosi (2016) acrescenta que reconhecer o papel ativo e decisivo dessas mulheres na Revolução Mexicana desafia a associação entre masculinidade e esfera militar, além de revelar uma moralidade que as classificava entre “boas” e “más”, restringindo as primeiras ao lar ou à obediência ao soldado.

<sup>xxi</sup> No original: “[...] las etiquetamos por igual, sin distinción de bandos, como ‘adelitas’” (PONIATOWSKA, 1999, p. 22).

<sup>xxii</sup> No original: “[...] deny [...] her own political agency [...]” (STEELE, 2019, p. 71).

<sup>xxiii</sup> Gênero musical mexicano.

De maneira similar, Ward (1995) argumenta que o apagamento do Cumann na mBan resulta do fato de a historiografia, majoritariamente masculina, definir a relevância histórica a partir de parâmetros que não contemplam formas femininas de atuação. Steele (2019) acrescenta que essa “amnésia histórica” também deriva do caráter clandestino e pouco visível do trabalho das mulheres. Além disso, muitas integrantes internalizaram essas críticas, culpando-se por terem sido “tímidas demais” ao submeterem-se à liderança masculina (WARD, 1995). McCarthy (2007) reforça que, apesar de sua importância no processo revolucionário, o Cumann na mBan segue pouco estudado na historiografia irlandesa. Portanto, o apagamento de ambos os grupos foi impulsionado tanto pelo medo masculino da ascensão feminina quanto pela invisibilidade estrutural do trabalho feminino e sua internalização, ambos fundamentados em uma visão masculina da história.

Os caminhos pelos quais o legado desses grupos foi reavaliado ou persistiu no tempo presente diferem significativamente, apesar de ambos terem enfrentado resistência e, no caso irlandês, terem tido reconhecimento parcial contemporâneo. Por um lado, muitos homens da época reconheceram a importância do Cumann na mBan na luta pela autodeterminação da Irlanda. O comandante Michael Brennan reconheceu que as mulheres tiveram papel essencial em tarefas arriscadas de comunicação, reconhecimento e inteligência, chegando a afirmar que elas contribuíram mais do que os próprios soldados (WARD, 1995). Esse testemunho evidencia que, embora muitas vezes tratadas como secundárias, as integrantes do Cumann na mBan foram indispensáveis para a continuidade da luta republicana.

Em contraste, no caso mexicano, o reconhecimento do legado das Soldaderas começou apenas nos anos 1960, impulsionado pelo movimento chicano nos Estados Unidos. Salas (2006) destaca que, desde então, os mexicanos têm buscado redefinir o papel das mulheres nas lutas políticas e culturais, e as chicanas passaram a valorizar as Soldaderas como símbolos de resistência feminina e cultural. Esse processo, embora ainda marcado por estigmas, vem sendo fortalecido pela produção acadêmica e

midiática que procura reconstruir as várias dimensões de sua atuação na Revolução Mexicana (SALAS, 2006).

Diferentemente das Soldaderas, o Cumann na mBan nunca deixou de existir. A organização, que ainda atua politicamente alinhada ao IRA da Continuidade na defesa da reunificação da ilha (CARROLL, 2024), celebrou seu centenário em 2014 no Wynn's Hotel, local da sua primeira reunião em 1914 (WOMEN'S HISTORY ASSOCIATION, 2014). Além disso, conforme o Terrorism Act 2000, o Cumann na mBan é listado pelo governo do Reino Unido como uma organização proscrita envolvida em atividades consideradas terroristas. Conclui-se que, enquanto o legado das Soldaderas passa por um processo de redescoberta acadêmica e cultural, o Cumann na mBan manteve uma continuidade organizacional e política, persistindo até a atualidade como uma entidade ativa, mas controversa.

Em suma, tanto a redução das Soldaderas à figura domesticada de "La Adelita" quanto a representação do Cumann na mBan como grupo marginal e irracional revelam formas distintas de apagamento histórico. Embora atuando em contextos culturais e políticos específicos, ambos os casos utilizaram-se de estereótipos para neutralizar a agência política e militar dessas mulheres. Tais construções funcionaram como instrumentos de controle que delimitaram o reconhecimento histórico e reforçaram narrativas que privilegiam o protagonismo masculino e confinam as mulheres em papéis passivos e despolitizados.

Ademais, à luz da tipologia proposta por Yuval-Davis e Anthias (1989), o Cumann na mBan atuou como reprodutor ideológico da coletividade, garantindo a transmissão do ideário republicano irlandês. Em contrapartida, o apagamento das Soldaderas e sua conversão na figura da "Adelita" ilustram seu papel como significadoras das diferenças nacionais, visto que, ao serem esvaziadas de sua agência militar, foram transformadas na representação simbólica idealizada para a nova identidade patriarcal da nação mexicana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este artigo comparou a participação das mulheres em movimentos revolucionários e nacionalistas no início do século XX, tendo como foco a organização paramilitar Cumann na mBan da Irlanda e as Soldaderas do México. Com base na tipologia de Nira Yuval-Davis e Floya Anthias (1989), buscamos compreender, em última instância, como gênero e nacionalismo se conectaram nas revoluções do início do século XX.

A comparação revela um contraste entre as duas experiências. Na Irlanda, o Cumann na mBan representou uma organização institucionalizada de mulheres com acesso à educação, enquanto no México, as Soldaderas emergiram como um fenômeno de massas, composto predominantemente por mulheres pobres, indígenas e camponesas, cuja participação foi descentralizada, refletindo as desigualdades sociais do contexto revolucionário. Esta distinção entre os perfis das militantes e a natureza dos movimentos ajuda a explicar as diferenças nos padrões de participação e nos mecanismos de apagamento pós-revolução.

Quanto aos objetivos específicos, observa-se que, na organização e reconhecimento formal, o Cumann na mBan constituiu-se como instituição auxiliar com estrutura definida, enquanto as Soldaderas atuaram de forma descentralizada sem qualquer reconhecimento institucional. Em relação aos papéis desempenhados, as irlandesas foram confinadas a funções de retaguarda, enquanto as mexicanas envolveram-se diretamente em combates e atividades militares. No que se refere aos legados e memórias, ambos os grupos sofreram apagamento histórico, um por meio da figura da “Adelita” no México e o outro pela marginalização historiográfica na Irlanda.

À luz da tipologia proposta por Yuval-Davis e Anthias (1989), é possível situar ambas as experiências principalmente na quinta categoria das mulheres como participantes em lutas políticas e militares. O Cumann na mBan enquadra-se também parcialmente na dimensão das mulheres como reprodutoras ideológicas

da coletividade, ao atuar na formação simbólica e moral da nação irlandesa. Já as Soldaderas, além de participantes diretas nos conflitos armados, foram também significadoras das diferenças nacionais, convertendo-se em ícones da identidade mexicana e do imaginário revolucionário.

Em síntese, demonstra-se que, tanto na Irlanda quanto no México, a participação feminina foi importante para o sucesso dos projetos nacionalistas. No entanto, a promessa de igualdade contida no ideal nacional mostrou-se um princípio sem fundamento para as mulheres do Cumann na mBan e das Soldaderas, cujas contribuições foram desvalorizadas ou remodeladas para se ajustarem a um imaginário nacional patriarcal. Portanto, o artigo evidencia que, embora a participação das mulheres durante os conflitos tenha tensionado as hierarquias de gênero, estas não chegaram a ser rompidas ou transformadas.

## REFERÊNCIAS

BREWER, John D.; HIGGINS, Gareth I. Understanding Anti-Catholicism in Northern Ireland. **Sociology**, v. 33, n. 2, p. 235-255, 1999. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/S0038038599000152>. Acesso em: 6 abr. 2026.

CARROLL, Clover. Cumann na mBan, Women and Revolutionary Politics. **Socialist Voice**, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://socialistvoice.ie/2024/04/cumann-na-mban-women-and-revolutionary-politics/>. Acesso em: 28 out. 2025.

COLEMAN, Marie. **The Irish Revolution: 1916-1923**. Abingdon: Routledge, 2014.

CUMANN NA MBAN. **[Membership booklet]**. Dublin: Devereux, Newth & Co., 1914. Disponível em: <https://catalogue.nli.ie/Record/vtls000516733>. Acesso em: 31 out. 2025.

CUMANN NA MBAN. **Cumann na mBan leaflet containing regulations and suggested activities**. [1918-1919]. Disponível em: <https://catalogue.nli.ie/Record/vtls000588315>. Acesso em: 1 nov. 2025.

CUMANN NA MBAN. **Leaflet Outlining the Rules and Constitution of Cumann na mBan (The Irishwomen's Council)**. Abril de 1917. Disponível em: <https://catalogue.nli.ie/Record/vtls000648664>. Acesso em: 31 out. 2025.

CUMANN NA MBAN. **Letter from Cumann na mBan to the Irish Volunteers regarding the suspension of members from Cumann na mBan**. 8 jan. 1919. Disponível em: <https://catalogue.nli.ie/Record/vtls000797231>. Acesso em: 2 nov. 2025.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases**: making feminist sense of international politics. Berkeley: University of California Press, 1990.

FERRITER, Diarmaid. **The transformation of Ireland 1900-2000**. London: Profile Books, 2005.

FREITAS, Hellen de Souza de. **Entre saias e carabinas**: a representação das Soldaderas mexicanas através da indumentária nos anos 1910-1920. 2023. TCC (Graduação) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.66267>. Acesso em: 25 set. 2025.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IRISH REPUBLICAN ARMY. **Letter from the IRA to Cumann na mBan regarding intelligence and publicity**. 6 out. 1922. Disponível em: <https://catalogue.nli.ie/Record/vtls000654478>. Acesso em: 1 nov. 2025.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and Theory**, Middletown, v. 42, n. 1, p. 39-44, 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3590801>. Acesso em: 29 out. 2025.

LEVI, Lucio. Nacionalismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (org.). **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1, p. 799-806.

MANNION, Marie; LAFFEY, Jimmy (ed.). **Cumann na mBan**: County Galway Dimensions. Galway: Galway County City, 2015.

MATTHEWS, Ann. **Cumann na mBan 1913-26**: Redressing the Balance. Dissertação (Mestrado em História Moderna) - St Patrick's College, Maynooth, 1995. Disponível em: <https://mural.maynoothuniversity.ie/5146/>. Acesso em: 28 out. 2025.

MCCARTHY, Cal. **Cumann na mBan and the Irish Revolution**. Cork: The Collins Press, 2007.

MCCLINTOCK, Anne. Family Feuds: Gender, Nationalism and the Family. **Feminist Review**, London, ed. 44, p. 61-80, 1993. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1057/fr.1993.21>. Acesso em: 28 out. 2025.

MOSSE, George L. **Nationalism and Sexuality**: Middle-Class Morality and Sexual Norms in Modern Europe. Madison: The University of Wisconsin Press, 2020.

PASQUINO, Gianfranco. Revolução. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (org.). **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. v. 1, p. 1121-1131.

PONIATOWSKA, Elena. **Las Soldaderas**. México: Ediciones Era, 1999.

REINO UNIDO. **Terrorism Act 2000**. Londres, 2000. Disponível em: <https://www.legislation.gov.uk/ukpga/2000/11/contents>. Acesso em: 28 out. 2025.

RYAN, Louise. **'Furies' and 'Die-hards':** Women and Irish Republicanism in the Early Twentieth Century. *Gender & History*, [s. l.], v. 11, ed. 2, p. 256-275, 1999. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-0424.00142>. Acesso em: 3 nov. 2025.

SALAS, Elizabeth. **Soldaderas in the Mexican military:** myth and history. 6. ed. Austin: University of Texas Press, 2006.

SHEEHAN, Aideen. Cumann na mBan: Policies and Activities. *In*: FITZPATRICK, David (ed.). **Revolution?:** Ireland 1917-1923. Dublin: Trinity History Workshop, 1990. p. 88-97.

STEELE, Karen. Constance Markievicz and the politics of memory. *In*: RYAN, Louise; WARD, Margaret (ed.). **Irish Women & Nationalism:** Soldiers, New Women and Wicked Hags. Newbridge: Irish Academic Press, 2019. cap. 5, p. 62-79.

TORNEL, Lucía. Jaén. La participación de las soldaderas en la Revolución Mexicana. **PublicacionesDidácticas**, n. 102, p. 529-534, jan. 2019. Disponível em: [https://publicacionesdidacticas.com/hemeroteca/pd\\_102\\_ene.pdf](https://publicacionesdidacticas.com/hemeroteca/pd_102_ene.pdf). Acesso em: 18 set. 2025.

TOSI, Marcela de Castro. Las soldaderas: mulheres na Revolução Mexicana de 1910. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, v. 3, n. 1, p. 142-156, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/184>. Acesso em: 25 set. 2025.

UNIVERSITY OF NEW MEXICO. Latin American & Iberian Institute. **¡Viva la Revolución!** An educator's guide to the mexican revolution. 2014. Disponível em: <https://laili.unm.edu/info/k-12-educators/curriculum/mexican-revolution.html>. Acesso em: 8 nov. 2025

WARD, Margaret. **Unmanageable revolutionaries:** women and Irish nationalism. Londres: Pluto Press, 1995.

WOMEN'S HISTORY ASSOCIATION. **Cumann na mBan 100:** centenary commemorations of Cumann na mBan, 2-5 April 2014. [s.l.], 5 abr. 2014. Disponível em: <https://womenshistoryassociation.com/events/past-events/cumann-na-mban-100/>. Acesso em: 28 out. 2025.

YUVAL-DAVIS, Nira; ANTHIAS, Floya (ed.). **Woman-Nation-State.** New York: St. Martin's Press, 1989.

## Autoria

### 1 Maria Eduarda Calonego

Graduanda em Relações Internacionais

<https://orcid.org/0009-0001-8940-492X> • maria.calonego@acad.ufsm.br

### 2 Gabriela Picolli da Silva

Graduanda em Relações Internacionais

<https://orcid.org/0009-0001-2549-0312> • gabriela.picolli@acad.ufsm.br

### 3 Mateus Webber Matos

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade do Vale do Itajaí, Especialista em Estratégia e Relações Internacionais Contemporâneas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre e Doutor em em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professor

<https://orcid.org/0000-0002-6995-174X> • mateus.webber@hotmail.com

## Como citar este artigo

CALONEGO, M. E.; SILVA, G. P.; MATOS, M. W. Gênero, Nacionalismo e Revolução: uma análise comparada entre o Cumann na mBan e as Soldaderas. **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e96196, p. 1-23, jun. 2026. DOI 10.5902/1980509896196. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797596196>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

## Evento da XIII SARI

### XIII Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SARI)

A XIII SARI foi organizada pelo Diretório Acadêmico de Relações Internacionais, ocorreu entre os dias 10 e 14 de novembro de 2025, na Universidade Federal de Santa Maria, reunindo estudantes, pesquisadores e especialistas em torno de uma programação diversificada. O evento contou com palestras que abordaram temas relevantes e contemporâneos, como crime organizado, conflitos internacionais, direitos humanos, tecnologias emergentes, guerra cibernética, construção da paz e questões relacionadas à Amazônia e ao meio ambiente, entre outros.

Alinhada ao tripé fundamental das instituições de ensino superior - ensino, pesquisa e extensão -, a XIII SARI reafirma a importância da universidade como espaço de produção e democratização do conhecimento científico, além de contribuir para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal dos(as/es) estudantes. Em uma dimensão mais ampla, o evento reflete o papel social da universidade; em uma perspectiva mais específica, destaca-se por ampliar o repertório dos discentes e apresentar a diversidade temática presente no campo das Relações Internacionais, especialmente para aqueles que estão em início de curso.

Nesse sentido, a temática abrangente da XIII SARI permitiu não apenas a introdução dos estudantes a diferentes áreas de estudo, mas também a valorização de temas ainda pouco explorados na grade da UFSM, por meio da participação de especialistas de diversas áreas do conhecimento. Além disso, o evento se destacou por incentivar o protagonismo estudantil, uma vez que foi organizado por estudantes e voltado para estudantes, promovendo tanto a participação ativa quanto o engajamento crítico.

Como marco importante desta edição, destaca-se a retomada dos painéis temáticos com apresentação de trabalhos acadêmicos dos próprios alunos - prática que não ocorria há cerca de dez anos -, acompanhada da previsão de publicação em anais do evento, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Internacionais - Ana Lélia (NEPRI/UFSM). Essa iniciativa reforça o compromisso da SARI com a produção científica e com a valorização das vozes estudantis dentro da universidade.

